



El Mundo Socialista

Trabalhadores e Oprimidos, Uni-vos!

Conteúdos:

- * Solidariedade com os professores em greve em São Paulo-Brasil
- * Brasil: Solidariedade com a Revolta Popular!
- * Brasil: Sobre o Dia Nacional de Luta em 30 de agosto
- * Carta aberta: Unidade Revolucionaria na luta pela Quinta Internacional dos Trabalhadores!
- * Síria: Contra Assad e Contra o Imperialismo - Vitória da Revolução!
- * Carta Aberta sobre a Revolução Árabe



www.elmundosocialista.blogspot.com
www.thecommunists.net

Publicado pelo EMS e pelo RCIT

Preço: R\$ 4,00,-



RCIT

WORKERS AND OPPRESSED UNITE!

Brasil: Solidariedade com os professores em greve em São Paulo-Brasil

Declaração da Tendência Comunista Revolucionária Internacional (RCIT) e Blog El Mundo Socialista (Brasil), 17.5.2013

Professores de escolas públicas do Estado de São Paulo (Brasil) estavam em greve há 22 dias, e os professores da capital do Estado, a cidade de São Paulo, iniciaram a sua greve em 3 de maio. Os professores do estado terminaram a greve (APEOESP-Sindicato dos Professores do Estado), mas os professores da cidade continuam, sob o comando do SINPEEM (Sindicato do educador da cidade de São Paulo). Os professores do estado estavam protestando contra o descumprimento da lei o salário de um educador mínimo que foi aprovado no Congresso do Brasil há 5 anos, com uma média de 780 dólares por mês e trabalho de 40 horas semanais. Além disso, eles exigem um aumento do mínimo, o aumento do orçamento para a educação e para a formação de professores, bem como reduções no tamanho das turmas e melhores condições de trabalho.

Os professores, contudo, de lutar não só contra o governo e a polícia repressiva. Eles também têm um inimigo interno –a liderança sindical dos professores que é próxima do governo em torno do PT reformista. Maria Isabel Noronha (Bebel), presidente do Sindicato dos Professores do Estado de São Paulo (APEOESP), de 10 de maio, declarou o fim da greve, apesar do fato de que uma massa de dois mil professores na assembléia votaram com 70% a favor da continuação da greve! Não é surpresa que ela só escapou da fúria dos professores, chamando a Polícia Militar para protegê-la.

Uma das principais razões para a Bebel trair a greve e declarando o fim de tudo é que a liderança sindical tem medo de ser confrontada com duas greves, manifestações e atos comuns, tanto no Estado como na cidade. Isso teria exposto à população que os dois chefes - o governo do Estado governado pelo PSDB (conservador) eo governo da cidade governada pelo PT (Frente Popular) são oposição apenas durante as eleições.

Isso mostra mais uma vez o papel traidor da burocracia sindical. Seu interesse principal é preservar as suas posições e privilégios para os quais eles são dependentes de manter boas relações com o Estado burguês e os capitalistas. Os Trabalhadores nunca devem confiar neles! Eles devem fazer todo o possível para organizar de forma independente da burocracia - em comitês de ação - a fim de controlar a luta e decidir democraticamente em assembléias de massa.

Os professores da cidade (SINPEEM) não devem ser influenciados pela derrota dos colegas do Estado e continuar sua greve contra o governo do PT e suas políticas burguesas de arrocho salarial e as privatizações.

Eles também devem apelar para os professores e os sindicatos em outras cidades e Estados para se juntar à luta. Da mesma forma, é importante orientar para ampliar a luta para outro setor da classe trabalhadora.

Vitória para os Professores em greve da cidade de São Paulo!

Brasil: Solidariedade com a Revolta Popular!

Declaração da Tendência Comunista Revolucionária Internacional (RCIT), 19.6.2013

1. O Brasil se juntou à cadeia de revoltas populares espontâneas contra a política antidemocrática e antissocial brutal das classes dominantes capitalistas em todo o mundo. Só no dia 17 em junho, 250.000 pessoas marcharam nas ruas contra o aumento dos preços dos transportes públicos, corrupção e brutalidade policial. Isso mostra mais uma vez que o aprofundamento das contradições sociais e políticas no período revolucionário de crise histórica do capitalismo, que foi se iniciou em 2008 globalmente e outra vez a explosões revolucionárias. A Corrente Comunista Revolucionária Internacional (RCIT) saúda e apoia plenamente esses protestos.

2. Como tantas vezes em eventos revolucionários, um movimento começa com o que parece ser um pequeno incidente. Depois que o governo municipal de São Paulo - liderada pelo reformista „Partido dos Trabalhadores“ (PT) - o aumento das tarifas de ônibus públicos e metrô em 6%, ou R\$ 0,20 (US \$ 0,10), o Movimento Passe Livre (MPL) organizou protestos. Como é tão comum no capitalismo em crise, a classe dominante e seus lacaios reformistas logo reagiram com brutalidade policial. Em São Paulo, na noite de 13 de junho, a polícia usou gás lacrimogêneo e balas de borracha indiscriminadamente contra manifestantes pacíficos, jornalistas e transeuntes. Muitos manifestantes ficaram feridos, juntamente com pelo menos oito jornalistas, um dos quais ficou cego de um olho após ser atingido por uma bala de borracha. Assim como na Turquia, esta brutalidade policial provocou uma tempestade de protestos em massa em todo o país. No dia 18 de junho, manifestações de massa tomaram não só lugar nas metrópoles, tais como Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre ou Brasília, mas também em 30 cidades menores.

3. Enquanto o aumento do preço a brutalidade policial foram o gatilho para a explosão social, a revolta popular revela a profunda repulsa no povo contra a elite corrupta nos negócios e no governo. O PT liderou os governos de frente popular do ex-presidente brasileiro Lula e sua sucessora Dilma Rousseff - que estão no poder desde 2003 sem interrupção - governa o país a serviço das multinacionais e da elite nacional. O país ainda tem uma das mundiais mais elevadas desigualdades de renda. De acordo com a Organização das Nações Unidas cerca de 27% de suas populações urbanas estão vivendo em favelas. O Rio de Janeiro sozinho tem mais de mil favelas! Ao mesmo tempo, o governo do PT gasta bilhões de dólares para a Copa do Mundo de Futebol em 2014 e as Olimpíadas de 2016 no Rio de Janeiro.

4. A política dos governos Lula / Dilma Rousseff nos últimos 11 anos

mostra mais uma vez que a burocracia reformista do PT- é um laçao da classe capitalista. Enquanto fala em favor da justiça social e tem hospedado várias vezes o Fórum Social Mundial, ao mesmo tempo em que controla as lideranças da maioria dos sindicatos, serve, na realidade, à classe dominante e age como seu agente nas fileiras do movimento operário. Já é tempo, que os trabalhadores urbanos e rurais e suas organizações de romper com os líderes burocráticos reformistas e formar um novo partido da classe operária, que - em oposição ao PT hoje - seja independente da burguesia e que se baseie em um programa revolucionário.

5. A revolta popular representa a maior luta de classes no Brasil há mais de 20 anos e, portanto, abre uma nova fase política com grandes oportunidades. No entanto, o movimento é atualmente caracterizado por uma série de problemas políticos e organizacionais que não são diferentes para o movimento Occupy nos EUA ou os Indignados na Espanha:

** Um predomínio de estudantes universitários e elementos da classe média ,e ao mesmo tempo uma falta de envolvimento da classe trabalhadora organizada e dos setores das massas populares;*

** A falta de organização e uma forte influência de ideologias libertárias pequeno-burguesas que são contra os partidos como tal, o que, claro, é bastante compreensível, dada a experiência das pessoas com os partidos s burgueses corruptos como o PSDB, com o PT, etc.*

** A luta, até agora, não se espalhou para as greves nas empresas, e permanece limitado às ruas.*

6. A fim de superar essas debilidades, os revolucionários pedem assembleias regulares de massa dos trabalhadores e dos oprimidos nas empresas, bairros e favelas , bem como nas instituições de ensino. Estes conjuntos devem levar à formação de comitês de ação. Estas comissões deverão eleger os delegados, a fim de construir uma coordenação nacional para liderar a luta eficaz.

7. Tais comitês de ação devem orientar para conquistar o sindicato e outras organizações de massa dos trabalhadores e oprimidos para se juntar à luta. Sem dúvida, para isso eles precisam lutar contra as direções burocráticas dessas organizações de massas que têm relações estreitas com o governo da Frente Popular do PT. Tal campanha deve ser dirigida para preparar e organizar uma greve geral contra a política antidemocrática e antissocial do governo.

8. Para defender-se contra a força policial brutal, os ativistas precisam construir comitês de auto-defesa. Esses comitês devem tomar as medidas necessárias para proteger o movimento contra os bandidos fardados. Além disso, congratulamo-nos com os esforços de socialistas e ativistas sindicais para formar colunas, a fim de se defender contra ataques durante as manifestações de agentes provocadores, bem como de bandidos fanáticos anti-partidos.

9. Naturalmente tais mobilizações – Por mais importantes quanto sejam - podem na melhor das hipóteses temporariamente aliviar os ataques da classe capitalista dominante. Mas, enquanto os capitalistas possuírem e contro-

larem a economia e o aparato estatal, enquanto a sociedade está subordinada à regra do lucro, a miséria e as crises serão uma característica permanente das vidas das massas. A única solução duradoura é a derrubada revolucionária do capitalismo e a construção da sociedade socialista. O RCIT e o EMS chamam os oprimidos a se organizar para tal perspectiva e para lutar por um governo dos trabalhadores apoiada pelos camponeses pobres e os pobres urbanos e com base em conselhos populares e milícias.

10. O RCIT e EMS salientam que a revolta popular no Brasil não é apenas causado pelo sistema do imperialismo global, mas também é parte da onda de levantes em âmbito internacional que começou no mundo árabe há dois anos e que se espalharam para a África do Sul, Sul da Europa, Turquia e agora na América Latina. O movimento, portanto, precisa de uma orientação internacional, bem como um programa internacional para lutar contra o capitalismo.

11. A revolta popular no Brasil - como todos os outros levantes revolucionários nos últimos anos - foi marcado por uma crise dramática de liderança. A classe trabalhadora não possui um partido revolucionário que pode mostrar o caminho e organizar a luta, a fim de evitar a derrota pela classe dominante. Esta foi mais uma vez sublinhada na recente luta de professores em São Paulo, que foi vendido pela burocracia sindical pró PT- com a ajuda do centrista morenista PSTU e do PSOL. É urgente que os revolucionários no Brasil unam forças na base de um Programa de Ação revolucionária para formar um primeiro núcleo de um partido bolchevique. Esse núcleo deve ser baseado não apenas num programa nacional, mas também programa internacional assim como uma organização. O RCIT e o EMS estão dispostos a apoiar todos os esforços sérios que representam passos sérios em tal direção.

** Adiante na construção de um novo partido operário revolucionário no Brasil, como parte de uma internacional Revolucionária dos Trabalhadores!*

Endereço de internet onde você pode acessar nossos jornais antigos: <http://www.thecommunists.net/publications>



Brasil: Sobre o Dia Nacional de Luta em 30 de agosto!

Burocracia das Centrais Sindicais coloca o limite das Resistência do Trabalhadores com Ações Simbólicas

El Mundo Socialista, 4.9.2013

Em 30 de agosto, aconteceu no Brasil o “Dia Nacional de Mobilização e Lutas”. Ele foi chamado por oito Federações Sindicais (CUT, CSP-Conlutas, Força Sindical, UGT, CGTB, NCST, CGTB, CTB e CSB). O protesto foi contra vários projetos reacionários do governo federal e do parlamento:

* *Para aumentar e formalizar a terceirização dos contratos de trabalho (Projeto de Lei 4330).*

* *O “Fator Previdenciário” (que mexe no direito a aposentar protelando a idade).*

* *O plano do governo de leiloar áreas com dois terços das reservas comprovadas de petróleo do país em outubro.*

No entanto, este “Dia Nacional de Mobilização” acabou por ser uma ação bastante simbólica e fraca. Limitou-se a algumas marchas e ocupações de estradas em várias capitais e cidades de médio porte. Essas ações foram todas anunciadas com antecedência e duraram apenas algumas horas e não causou muita preocupação ao Governo Federal. Foi muito mais fraco em comparação com a greve geral de um dia em 11 de julho, o qual aconteceu sob a pressão da espontânea revolta em massa acontecida no Brasil neste inverno. (1) Deve-se notar que mesmo a greve geral no dia 11 de julho foi desmobilizada pela burocracia sindical e foi mais simbólica do que militante. (2)

Fraca Mobilização em São Paulo

Essa fraqueza do Dia de Ação também era visível no estado de São Paulo que é o maior e mais rico estado do Brasil. Semelhante à greve geral no dia 11 de julho, os setores mais importantes ligados à CUT (a maior federação sindical ligada ao partido do governo, o PT social-democracia), tais como o sector dos transportes públicos na capital e os metalúrgicos do ABC - região, trabalharam normalmente. No ABC Eles só bloquearam a estrada que leva ao Porto de Santos. A única maior mobilização dos sindicatos ocorreu no centro financeiro de São Paulo - a Avenida Paulista - na parte da tarde.

A CSP-Conlutas - uma menor, mas a maior Central Sindical mais à esquerda, ligada ao PSTU centrista (secção mais forte do morenista LIT-FI) - acusa em seu site que a CUT só tardiamente entrou no “Dia Nacional de Mobilização”, a fim de boicotar o movimento. De fato, dois dos setores mais importantes dos sindicatos da CUT em São Paulo - os trabalhadores bancários e os trabalhadores do metrô - se comprometeram a participar da greve. O sindicato dos trabalhadores

bancários declararam em um comunicado que a greve duraria 24 horas. Mas, inexplicavelmente, ambos os sindicatos desistiram e trabalharam normalmente. Bem, não exatamente inexplicável, pensamos que a burocracia da CUT em São Paulo tem muito medo de perder o controle da base de seus trabalhadores. Imaginem o caos em uma cidade de mais de 10 milhões de pessoas que a maioria deles usa diariamente o transporte misto (ônibus e metrô) para ir ao trabalho, no caso de uma greve! Assim, os burocratas preferiram evitar problemas como a perda de controle, os danos políticos para o governo federal, o surgimento de novas lideranças de trabalhadores, etc.

Mais ações militantes no Rio de Janeiro

No Rio de Janeiro a situação foi um pouco diferente. Isso está relacionado ao fato de que o governador Sérgio Cabral (PMDB-) é altamente impopular e acusado de autoritarismo e abuso de usar helicópteros públicos para seu lazer pessoal. Como resultado protestos massivos contra ele têm acontecido nos últimos dias, que são um reflexo dos dias de junho. Perante este cenário, o protesto em 30 de agosto foi muito mais eficaz no Rio de Janeiro. Trabalhadores de diversos setores da economia participaram, como metalúrgicos e construção, vidros, funcionários públicos federais, varredores, trabalhadores de saúde, enfermeiros, manicures, professores, trabalhadores do setor de alimentos, servidores da UFRJ, químicos, engenheiros, bancários, telecomunicações, bem como petroleiros, servidores militares, funcionários de transporte de água, jornalistas, radialistas e eletricitistas, bem como os movimentos sociais, como o MST (Movimento dos trabalhadores Rurais Sem Terra).

Outros estados importantes, como Minas Gerais, Pará e Paraná alcançaram um forte apoio entre os trabalhadores do setor público, os trabalhadores dos transportes e os trabalhadores terceirizados.

Outro setor importante da CUT - os trabalhadores do setor de petróleo - também exibiram ações mais militantes em 30 de agosto, em lugares importantes, como Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, Duque de Caxias, São Paulo, Paraná / Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Esta ampla participação dos trabalhadores do petróleo é explicada pelo fato de que eles estão atualmente envolvidos na campanha salarial.

O governo do PT liderado pela presidente Dilma Rousseff tenta dividir as Centrais sindicais, oferecendo negociações separadas com a burocracia CUT. Este foi provavelmente um incentivo adicional para os dirigentes da CUT boicotarem o "Dia Nacional de Mobilização" em 30 de agosto.

As outras Centrais não são melhores. A direção da Força Sindical - outra federação sindical que tem fortes ligações com os grandes empresários de São Paulo - demonstra uma vez mais o seu papel como um laçao dos capitalistas. Em suas demandas sobre o governo de Dilma Rousseff, ele se concentra em oposição contra qualquer aumento nas taxas de juros, que também é uma exigência central dos empresários.

Libertar os Sindicatos das garras dos burocratas

A revolta espontânea durante os Dias de Junho, os protestos de trabalhadores em 11 de Julho e 30 de Agosto mostraram mais uma vez o verdadeiro carácter da burocracia sindical. É uma casta pequeno-burguesa nas fileiras do movimento operário, que serve à classe capitalista e que é corrompida por cargos e privilégios. Eles não estão interessados em mobilizações militantes da classe trabalhadora sob o controle das bases. Eles organizam mobilizações somente sob a pressão das bases e, nesses casos, eles fazem todo o possível para manter essas atividades sob o seu controle burocrático. (3)

É por isso que uma das tarefas mais importantes da vanguarda dos trabalhadores é a construção de um amplo movimento de massa e de base dos sindicatos contra os burocratas. Nós só podemos transformar os sindicatos em verdadeiros instrumentos da classe trabalhadora, se os trabalhadores libertarem os sindicatos das burocracias. Essa perspectiva tem de ser combinada com uma estratégia que combina a luta defensiva contra os ataques dos patrões junto com a luta pela derrubada do capitalismo. Tal perspectiva também tem de se concentrar em reunir os militantes sindicais com os trabalhadores desorganizados, os pobres urbanos nas favelas, os camponeses pobres e sem terra e os jovens que mostraram a sua militância nos Dias de Junho.

É por isso que é urgente para a vanguarda dos trabalhadores em elaborar e discutir um programa de ação para a revolução socialista no Brasil.

Este programa também deve enfrentar o fato de que as lideranças sindicais no Brasil são em sua maioria ligados a partidos como o PT, o PCdoB stalinista, PSOL (uma divisão da PT), PSTU e PDT (herdeiros do getulismo, ou seja, do ex-ditador Getúlio Vargas). Nenhum desses partidos, no entanto serve aos interesses da classe trabalhadora. Para afastar a influência nos sindicatos destes partidos e para construir um partido de trabalhadores, porém que seja baseado em um programa revolucionário é, portanto, uma das tarefas mais importantes para os trabalhadores de vanguarda. El Mundo Socialista e a Tendência Comunista Revolucionária Internacional estão dedicando suas forças para contribuir para este objetivo.

Notas de rodapé:

(1) Veja em: Brazil: Solidarity with the Popular Uprising! Statement of the RCIT and Blog El Mundo Socialista (Brazil), 19.6.2013, www.thecommunists.net/worldwide/latin-america/brazil-solidarity-with-popular-uprising and www.thecommunists.net/home/portugu%C3%AAs/brasil-solidariedade-com-a-revolta-popular (in Portuguese); The Fight for the Right to Public Transportation - Free and With Quality - Under Control of Workers in Brazil, 14.6.2013, El Mundo Socialista, www.thecommunists.net/worldwide/latin-america/brazil-fight-for-public-transportation

(2) Veja: Brazil: Before the General Strike on 11th July, El Mundo Socialista, www.thecommunists.net/worldwide/latin-america/brazil-general-strike-on-11-7

(3) On the RCIT's assessment of the trade union bureaucracy's nature see the relevant chapter in the RCIT's Program The Revolutionary Communist Manifesto, www.thecommunists.net/rcit-manifesto/the-struggle-for-the-unions

Unidade Revolucionaria pela Quinta Internacional dos Trabalhadores!

Carta aberta a todos os ativistas e organizações revolucionaria

Emitida pela Tendência Comunista Revolucionária Internacional (RCIT-em Inglês), 15.5.2013

Estamos vivendo em tempos tão contraditórias! O capitalismo mergulhou em sua mais profunda crise desde a década de 1930 e até mesmo os meios de comunicação burgueses admitiram que muitas das análises e previsões de Marx provaram ser verdade. Os EUA- A maior potência imperialista há mais de meio século - está prestes a perder a guerra colonial no Afeganistão depois que se viu foi forçado a deixar o Iraque em 2011. Vemos uma onda de revoluções populares que estão abalando o mundo árabe há mais de dois anos, lutas de massa militantes na Grécia, Bulgária, África do Sul e Índia, assim como a resistência heroica e bem sucedida da população palestina de Gaza contra um dos exércitos mais modernos do mundo.

Mas essas lutas heroicas das massas não resultaram em qualquer tentativa séria de levar a classe operária ao poder. Por quê? Porque as massas não estão prontas? Absurdo! As massas estão prontas, mas a luta mais heroica das massas não pode ganhar se não é dirigida por um férreo partido revolucionário de combate armado, como os bolcheviques na Rússia. Por isso, enquanto as massas estão prontas, as direções s oficiais do movimento operário, assim como a maioria dos denominados “marxistas”, não estão prontas. Para ser mais exato, estas direções não podem estar prontas, pois elas estão intimamente ligadas com o capitalismo. Elas estão relacionadas com o seu domínio e orientação para a burocracia sindical, a aristocracia e intelligentsia pequeno-burguesa. Em contraste com as massas da classe trabalhadora, que realmente “não tem nada a perder a não ser suas correntes”, estas camadas privilegiadas que realmente têm algo a perder com o fim do capitalismo. Aqueles que não rompem com a orientação antirrevolucionária tanto do ponto de vista teórico, programático e prático, estão politicamente presos no gueto de reformismo e do centrismo e, portanto, politicamente perdidos.

Devemos escolher um caminho diferente. Enquanto a classe operária e os oprimidos não possuírem um partido de combate revolucionário nacional e internacional não poderão ter sucesso em sua luta pela libertação. Portanto, a tarefa mais urgente no período atual é a oportuna construção dos partidos revolucionários e uma nova Quinta Internacional dos Trabalhadores. Esses novos partidos revolucionários são construídos na luta de classes e na luta contra as direções oficiais - burocratas sindicais traidores, social-democratas, stalinistas, nacionalistas pequeno-burgueses e islamistas que conscientemente ou incon-

scientemente enganam os trabalhadores e oprimidos.

Para fazer progressos significativos nessa tarefa, é necessária a unidade dos revolucionários em todo o mundo. Esta unidade pode alcançar a construção de uma forte organização bolchevique internacional que compartilhe de um programa comum, assim como um entendimento comum dos métodos de construção do Partido e, portanto, servir como uma formação pré-partido da Quinta Internacional dos Trabalhadores.

O CCRI chama a todos os ativistas revolucionários honestos e organizações ao redor do mundo para se juntar à luta pela verdadeira organização internacional marxista- que significa o bolchevismo aplicado às condições do século XXI. Tal organização internacional necessita de clareza teórica e prática. Deve ser baseada em uma compreensão conjunta da aplicação do programa revolucionário na questão principal da atual luta de classes internacional. Não só deve proclamar o caminho da libertação, mas também deve nomear e lutar contra todos os obstáculos. Em outras palavras, levar a luta contra as muitas forças de esquerda reformistas e centristas que desorientam e enganam a classe trabalhadora sob a bandeira do “marxismo” - Que em seu conjunto é um “marxismo” sem ponta de lança revolucionária, um marxismo convenientemente oportunista adaptado a todas as possíveis direções de classe que não trabalham (os reformistas, os populistas, os islâmicos, etc.) Ou um “marxismo”, que vegeta no retiro sectário da luta de classes.

Clareza programática sobre os temas mais importantes na luta de classe mundial

A clareza e a unidade programática devem ser examinadas em função das questões mais importantes da luta de classe mundial, como o seguinte:

* Vitória da Revolução Síria: rechaçar o apoio ao regime de Assad pelos stalinistas (como KKE grego) e pelos chavistas

* Egito, Tunísia, Iêmen e Líbia: Abaixo os regimes islâmicos pró-imperialistas! Por um governo operário, aliada com os camponeses e os pobres! Nenhum bloco político frente-populista com forças burguesas (como os socialistas revolucionários de IST que apoiam eleitoralmente a Mursi e sua participação na Frente de Salvação Nacional, juntamente com Mohamed Elbaradei, Wafd, etc. no Egito ou a participação de Partidos Operários- como a antiga PCOT Hoxhaista- em Frentes Populares).

* Romper Apartheid do Estado imperialista de Israel: Por uma república democrática, palestina, multinacional, socialista, operária e camponesa do rio para o mar! Rechaço ao apoio reacionário por uma solução de dois estados proposta pelo Partido da Esquerda Europeu (ELP) ou pelo CWI. Vitória para a resistência palestina! Os marxistas devemos apoiar a luta de resistência e não falhar em nos colocar ao seu lado (como falharam a CWI, IMT, etc.). Condenar o boicote e difamação de Partidos de Esquerda (como o ELP na Alemanha) que

fizeram contra a Flotilha da Liberdade para Gaza chamando-a de “antissemita”. Não ao conceito menchevique de Estado democrático inferior de classe menor defendido pela LIT morenista.

* Abaixo as agressões e as guerras imperialistas no Afeganistão, Mali, Somália, Irã e Coreia do Norte: derrotar as forças imperialistas da OTAN e seus aliados locais! Defender aqueles que resistem às invasões imperialistas! Não apoio político das forças nacionalistas, islâmicas ou stalinistas! É significativo para o carácter social imperialista do partido comunista francês e da Frente de Esquerda apoiar abertamente a intervenção imperialista no Mali. Muitos centristas não chamam a derrota dos invasores imperialistas e vitória militar da resistência (como fazem o CWI e o mandelista NPA).

* Pela revolução socialista contra a ditadura stalinista capitalista na China! China tornou-se uma potência imperialista. Apoiar os sindicatos e os trabalhadores independentes, bem como greves as greves nacionais de autodeterminação para o Tibete e Leste Turcomenistão! Rejeição das várias caracterizações errôneas da China como “socialista” (stalinista) ou “estado operário degenerado” (Spartaquista). Em vez de se aliar com bando imperialista, os socialistas devem se opor todos planos expansionista dos EUA, Japão e do imperialismo chinês na Ásia Oriental. Em todos os conflitos possíveis entre estas grandes potências, dizemos que o principal inimigo está em casa!

* Paquistão: Apoiar a luta dos trabalhadores e a formação de sindicatos independentes e a luta do povo Balochi pela autodeterminação nacional! Abaixo a guerra da OTAN - Vitória da Resistência! Rechaçar a política de Frente Popular do grupo IMT / Lal Khan que de maneira oportunista se entrincheira desde várias décadas no PPP burguês. Um beco sem saída similar é a liderança do Partido Operário de Awami que se adapta às forças liberais e pró-ocidentais.

* Rússia: ¡Abaixo o regime de Putin! ¡Pela luta operária independente! Defesa dos protestos por direitos democráticos! Igualdade de direitos para os imigrantes! Autodeterminação nacional para o povo do Cáucaso! Rejeitar a negação dos estalinistas sobre o carácter imperialista de Rússia que serve como pretexto para sua adaptação social-chauvinista ao regime. Nenhum apoio político às forças liberais-burguesas que dominam os protestos democráticos contra Putin.

* África do Sul: Apoio aos mineiros militantes na sua luta por sindicatos independentes do governo traidor da ANC / CPSA! ¡Condernar o apoio das forças estalinistas mundiais ao CPS, ao NUM e aos dirigentes do COSATU!

* Abaixo a Constituição reacionária no Zimbabwe imposta pelo governo de coalizão de ZANU-PF e o MDC! ¡Por uma Assembleia Constituinte revolucionária baseada em conselhos operários e camponeses! Não ao apoio do regime de Mugabe pelos Partidos estalinistas, muito menos à adaptação política da frente populista MDC e do grupo de Zimbabwe IST!

*Pela luta independente da classe operária na América Latina, tanto contra os governos burgueses como os de Kirchner (Argentina) e de Dilma Rousseff (Bra-

sil), como também na Venezuela, Equador e Bolívia! Não ao apoio político pelos governos de frente popular bolivariano, mas a defesa contra golpes de Estado da direita e da intervenção imperialista! Não à aliança política com as forças da direita contra o governo do PSUV na Venezuela como estão fazendo em seu trabalho sindical Chirino e a UIT morenista! Expropriação das corporações multinacionais de Estados Unidos, da EU(União Européia) e da China! Defender a Argentina contra o imperialismo britânico e expulsar a Grã-Bretanha das Malvinas! Não ao apoio político ao bolivarianismo (por exemplo, o estalinismo e a IMT de Alan Woods), não ao fracasso centrista de opor-se ao imperialismo (por exemplo, o apoio à ocupação britânica das Malvinas pela CWI e a IMT!).

* Europa: Abaixo a política de austeridade reacionária! Cancelamento de todas as dívidas! Expropriação de todos os bancos e corporações! Não ao apoio reformista de governos capitalistas (PCF / Frente de Esquerda de Hollande na França, AKEL de Chipre)! Nenhuma aliança com partidos nacionalistas de direita, como a da “frente” de SYRIZA com os gregos independentes (ANEL). Em lugar de greves gerais simbólicas contra a política de austeridade, greves gerais por tempo indeterminado em nível nacional e em âmbito europeu para defender o emprego, os salários e as poupanças! Nenhuma confiança na burocracia sindical, comitês operários de base independentes e conselhos de ação de luta! Em lugar da estratégia ilusória do SYRIZA e da ELP de reformar a União Europeia ou do estalinista “Caminho nacionalista fora da UE”, esmagar a UE imperialista mediante a revolução socialista! ¡Pelos Estados Unidos Socialistas da Europa! Nos países semicoloniais como Grécia, Chipre e Bulgária: Apoio às lutas operárias e populares contra o saque imperialista! ¡Fora a UE e lutar por um governo operário!

* Trabalhadores, afro-americanos e imigrantes nos Estados Unidos: Lutar pela independência dos sindicatos, das organizações de imigrantes e negros com relação ao Partido Democrata! Não ao apoio do Partido Comunista de E.U.A ao Partido Democrata!

* Apoio à luta pela liberação dos oprimidos de todo o mundo: ¡Por movimentos operários revolucionários de mulheres, imigrantes e jovens! ¡Pelo direito a reuniões políticas de oprimidos nas organizações de massas e seus movimentos! ¡Abaixo todas as formas de aristocratismo. Reconhecimento ao papel importante que jogam os oprimidos na luta pela libertação da classe operária! Igualdade de direitos para os imigrantes! Não ao controle de imigração nos países imperialistas! Igualdade para os imigrantes e as minorias nacionais na educação e administração pública! Abaixo as capitulações da esquerda reformista ao chauvinismo imperialista (por exemplo, CPB, CWI e IMT durante a greve “Empregos britânicos para trabalhadores britânicos” em 2009)! ¡Não à adaptação política do feminismo e do nacionalismo! ¡Não o ao mau uso do feminismo com o objetivo de capitular ante o imperialismo (como exemplo a reivindicação da CWI, IST, etc. de extraditar a Assange, fundador do Wikileaks, para a Suécia)!

Os revolucionários devem combinar sua participação na luta de classe com

um programa para o poder da classe operária. Isto significa a renúncia total ao sonho impossível (como defendem o CWI, IMT) de uma solução pacífica ou um caminho parlamentar ao socialismo. Significa lutar pela construção de Comitês de Ação de operários, camponeses e pobres, as milícias populares armadas, pela expropriação da classe capitalista e por um governo operário aliado com os camponeses e os pobres das grandes cidades (urbanos) em base a Conselhos e milícias locais. Isto significa preparar a classe operária para a insurreição armada, a guerra civil e a ditadura do proletariado como o único meio pelo qual o proletariado pode avançar na luta por sua libertação.

Unidade nos métodos de como lutar pelo Programa

Estas são algumas das perguntas mais importantes da luta de classes mundial atualmente. A clareza programática sobre o que fazer e o que não fazer, é básico para a unidade revolucionária sustentável. No entanto, não é suficiente estar de acordo sobre um programa. Há que saber como lutar pelo programa. Em resumo, o que se necessita é uma coerência no tipo de organização de combate, que é a ferramenta para colocar o programa na realidade com a luta de classes.

Atualmente, está na moda entre muitos dos chamados “marxistas”, elogiar e chamar a uma “Unidade de esquerda”. Uma “Unidade de Esquerda” representa o contrario ao que necessita a classe operária. A “Unidade de Esquerda” se refere à unidade dos burocratas e operários, dos partidários e oponentes às guerras imperialistas, dos partidários do pacifismo, do caminho parlamentar como via revolucionária. Em resumo, a “Unidade de esquerda” é a unidade para paralisar as atividades revolucionárias, pelo que é uma unidade inútil. O que necessita a classe operária é um partido revolucionário de combate e que deve declarar-se abertamente.

No entanto, isto não significa que os revolucionários devem ignorar o aparecimento de novas formações políticas. Um novo Partido que represente os setores de trabalhadores e oprimidos que buscam uma ferramenta política para lutar por sua libertação, é um importante passo adiante. Isto é certo inclusive se na direção desse Partido existem burocratas de esquerda. Os revolucionários autênticos poderiam unir-se a novos Partidos com estas características, lutar abertamente por seu programa revolucionário, argumentar pedagogicamente com seus irmãos de classe que pudessem ter algumas deficiências políticas mas que são honestos e combativos. Tratar-se-ia de salvar a estes trabalhadores das manobras inúteis de seus líderes.

No entanto, é algo completamente diferente se a criação de um novo Partido se anuncia integrada de velhos, moribundos reformistas e centristas de esquerda ou estudantes universitários liberais para clamar por uma “Unidade de Esquerda” como um passo adiante para a classe operária. Em vez de adaptar-se de forma oportunista a tais delinquentes, os revolucionários devem lutar forte-

mente contra esta farsa.

Sem dúvida, não podemos limitar-nos atualmente a fundar um Partido verdadeiramente revolucionário e internacional. Para esta tarefa, somos demasiado pequenos em número e não está suficientemente enraizado na classe operária. Mas as grandes conquistas na história da humanidade nunca são dádivas do céu, elas se conseguem mediante o trabalho duro e sistemático. A formação de uma unidade internacional organizada de operários e oprimidos decididos, em base a um programa comum e a um entendimento comum dos métodos práticos e organizativos, é o requisito mais importante para construir uma nova Internacional revolucionária.

Esta nova Internacional será a quinta tentativa na história do movimento operário revolucionário. Já temos visto quatro Internacionais revolucionárias no passado: A I Internacional de Marx e Engels, a II Internacional até 1914, a III Internacional fundada sob a liderança de Lenin até sua degeneração estalinista em 1924 e IV Internacional liderada por León Trotsky. No entanto, desde a degeneração centrista da IV Internacional, a Classe operária carece de um Partido Mundial da Revolução Socialista. Seja qual seja o nome oficial e o número da futura Internacional, esta deve basear-se em um programa revolucionário para o atual período histórico, assim como nas lições das passadas quatro Internacionais.

Um verdadeiro Partido revolucionário, assim como a organização pré-Partido, deve existir como uma formação internacional desde o principio. Como o programa revolucionário só pode viver, respirar e desenvolver-se em uma organização de militantes revolucionários, só é possível que exista um programa internacional, internacionalismo e solidariedade proletária em uma organização internacional. Sem ela, a centralidade nacional e, finalmente, os desvios nacionalistas são inevitáveis. Não há consciência sem matéria, não há espírito sem corpo.

Contra a tendência anti-leninista do liquidacionismo que está atualmente tão em moda entre a intelectualidade pequeno-burguesa e a esquerda centrista, o CCRI reafirma a validade das lições do bolchevismo –a necessidade de construir organizações de vanguarda e Partidos que lutem por um programa revolucionário entre os trabalhadores e oprimidos baseado nos princípios do centralismo democrático–. Ditos Partidos revolucionários e organizações pré-Partido devem orientar-se e ser formados dentro dos setores médios baixos da Classe operária e dos oprimidos. Rechaçamos a orientação da maioria das organizações centristas através dos intelectuais de classe média, assim como a burocracia e aristocracia sindical.

Camaradas, estamos vivendo em um período tão complexo, tempestuoso, que é tão rico em constantes mudanças. É um tempo para superar a rotina e dar passos audazes para frente! O CCRI chama a todos os lutadores pela libertação da classe operária e dos povos oprimidos de todo o mundo a unir forças na luta para construir novos Partidos revolucionários e uma nova Quinta Internacional

dos Trabalhadores.

¡Não há futuro sem o socialismo!

¡Não há socialismo sem revolução!

¡Não há revolução sem Partido revolucionário!

Para um mais amplo panorama geral dos pontos de vista do RCIT, a aqueles que estejam interessados:

* Programa do CCRI: El Manifiesto Comunista Revolucionário, www.thecommunists.net/RCIT-manifiesto

* La situación mundial y las tareas de los bolcheviques-comunistas (Marzo 2013), www.thecommunists.net/theory/world-situation-march-2013

* ¡Trabajadores y oprimidos del mundo, uníos en la lucha por la liberación! Día del Trabajador 2013 Declaración de la RCIT, www.thecommunists.net/rcit/mayday-2013-greetings

* Michael Pröbsting: El gran robo del Sur. Continuidad y cambios en la super-explotación del mundo semicolonial por el capital monopolista. Consecuencias para la teoría marxista del imperialismo. Más detalles de este libro publicado recientemente en www.great-robbery-of-the-south.net

Novas publicações do RCIT

O Grande Roubo do Sul

The Great Robbery of the South

*Continuity and Changes in the Super-Exploitation of the Semi-Colonial World by Monopoly Capital
Consequences for the Marxist Theory of Imperialism*



By Michael Pröbsting

Published by the Revolutionary Communist International Tendency

A Revolução Cubana Vendida?

Cuba's Revolution Sold Out?

The Road from the Revolution to the Restoration of Capitalism



By Michael Pröbsting

Published by the Revolutionary Communist International Tendency

Síria: Contra Assad e Contra o Imperialismo - Vitória da Revolução!

Pela solidariedade Internacional com a Revolução Popular Contra a Ditadura Assassina de Assad ! Mas Sem e Contra Qualquer Intervenção Militar Imperialista Ocidental!

Declaração da Tendência Comunista Revolucionária Internacional (RCIT-em Inglês), 27.8.2013

1. Os trabalhadores e camponeses na Síria estão suportando terrível miséria dia-a-dia pelas mãos da ditadura do assassino Assad. Mais de 100 mil pessoas já foram mortas desde que a revolução começou em março de 2011. O mais recente massacre se elevou a 1.300 pessoas - a maioria mulheres e crianças - por um ataque com armas químicas contra o território controlado pelos rebeldes em Ghouta, uma área a nordeste de Damasco, é apenas o mais recente e particularmente revoltante massacre que o regime Assad de Assad apoiado pela Rússia cometeu. Vários grandes potências imperialistas ocidentais - em particular os EUA, Grã-Bretanha e França - têm hipocritamente denunciado este último ataque de Assad com armas químicas e ameaçam com um limitado ataque militar. O RCIT afirma o seu apoio à revolução popular contra a ditadura reacionária Assad. Advertimos contra qualquer ilusão com os EUA, com o imperialismo britânico e francês, que nunca se importaram com o sofrimento das pessoas comuns e que têm apenas o interesse de expandir a sua hegemonia. Chamamos os trabalhadores internacionais e movimento de solidariedade para apoiar a Revolução Síria. Ao mesmo tempo, devem opor-se e impedir qualquer ataque militar imperialista ocidental, assim como impedir todo o apoio material para os gangsteres de Assad, pela Rússia, pelo Irã e seus aliados!

O CARÁTER DA REVOLUÇÃO SÍRIA

2. O RCIT apoiou desde o início a Revolução dos trabalhadores e camponeses sírios contra a ditadura burguesa do regime de Assad. Apoiamos a luta popular - mesmo que ocorra sob liderança de classe não operárias - para derrubar a ditadura. Advertimos contra quaisquer ilusões nas lideranças burguesas e pequeno-burguesas seculares e religiosas da oposição (FSA, Al-Nusra etc.) Apoiamos a formação massiva dos Conselhos de Coordenação Local e chamar para a sua transformação em Conselhos de Ação (assim como fizeram os soviéticos na Rússia, em 1917) e as milícias armadas dos operários e camponeses, que devem coordenar a organização em nível nacional. Nossa perspectiva é a luta por um governo dos trabalhadores aliado com os camponeses e pobres urbanos

e com base em conselhos e milícias locais. Isto, porém, só é possível se um partido operário revolucionário for construído a tempo de levar os trabalhadores e oprimidos ao poder.

3. As grandes potências imperialistas da Rússia e da China, bem como o regime burguês do Irã e do Hezbollah libanês apoiam o regime reacionário de Assad com grandes entregas de armas, bem como o envio de soldados iranianos e do Hezbollah. É óbvio que sem este apoio militar, a ditadura de Assad já teria sido derrotada. O apoio dos imperialistas do Oriente para Assad não é surpreendente. A Síria é o mais importante aliado da Rússia no Oriente Médio. Ela abriga uma base naval militar russa em Tartus, na costa do Mediterrâneo. O regime de Assad é o sétimo maior cliente militar de Moscou e obteve cerca de 1,5 bilhões de dólares em armas entre 2000 e 2010. Os russos, assim como os monopólios chineses têm grandes participações no setor de energia da Síria (incluindo petróleo e gás), bem como em infraestrutura e turismo. A China também é o principal importador da Síria.

OS INTERESSES CONTRADITÓRIOS DOS EUA, DO IMPERIALISMO BRITÂNICO E DO IMPERIALISMO FRANCÊS

4. Dada a sua situação desesperadora, é compreensível que muitos sírios comuns esperem por uma intervenção militar ocidental. No entanto, advertimos que o povo sírio não tem nada a ganhar, mas só a perder com tal ataque da OTAN. Qualquer ataque limitado militar imperialista contra as forças de Assad não vai afetar seriamente o equilíbrio militar no campo de luta terreno. Não nos esqueçamos de que o povo líbio venceu sua revolução armada em 2011 por causa de seu caráter popular, bem como a sua superioridade numérica e inúmeras escaramuças das massas contra o exército mercenário do Gaddafi – e não por causa dos limitados ataques aéreos da OTAN! A administração Obama não é amiga, mas um inimigo da revolução síria! Um dos seus principais representantes, o presidente do Comando Conjunto de Defesa General Martin Dempsey, declarou abertamente poucos dias atrás: “A administração Obama se opõe à intervenção militar, mesmo limitada, dos EUA na Síria porque acredita que os rebeldes que lutam contra o regime de Assad não iriam apoiar os interesses americanos se eles a tomarem o poder no momento.”

5. Quais são as razões para a administração Obama e seus aliados britânicos e franceses a considerar agora um ataque militar limitado contra o exército de Assad? Para avaliar devemos ter em mente os interesses dos imperialistas - Ocidental e Oriental – no sentido de reverter a Revolução Árabe, assim como a rivalidade inter-imperialista. Os EUA, a Grã-Bretanha e a França querem voltar a estabilizar esta região estrategicamente importante e compensar sua perda de influência. Os EUA, os britânicos e os imperialistas franceses querem conter e, se possível, acabar com a guerra civil da Síria para evitar uma nova propagação da Revolução Árabe. As grandes potências ocidentais, bem como o pequeno poder

imperialista de Israel temem que a guerra civil possa resultar em uma situação em que as forças populares hostis contra o imperialismo e contra o sionismo poderiam ganhar influência enorme e ameaçar os seus interesses na região. A situação altamente instável na Líbia desde a queda do regime de Kaddafi, onde milhares de operários e camponeses permanecem armados e organizados em milícias populares, é um ponto de advertência para os imperialistas. (Como é sabido, a Líbia foi o país onde o consulado dos EUA e da embaixada francesa foram atacados e o embaixador dos EUA, Christopher Stevens, foi morto em setembro de 2012.) Estas são as razões pelas quais o imperialismo dos EUA apoiou o golpe militar contrarrevolucionário em 3 de julho, no Egito, é por isso que eles não intervêm na Síria no lado do movimento rebelde, é por isso que eles começaram a nomear os setores dos rebeldes (Al-Nusra e outros) como “terroristas”.

6. Ao mesmo tempo, as grandes potências ocidentais querem derrubar a hegemonia dos ‘imperialismos russo e chinês na Síria e trazê-lo sob seu controle. Para isto, estão subornando e criando laçaios entre seções das lideranças da Coalizão Nacional para Síria Revolucionária e as Forças de Oposição e do Exército Sírio Livre. Para este propósito dão apoio político e diplomático, bem como alguns materiais de apoio para essas forças. Eles também têm maior probabilidade enviar alguns comandos do exército para a Síria para reforçar a sua influência entre essas lideranças rebeldes.

7. O que os imperialistas ocidentais gostariam de ver é uma “transição ordenada” rumo a um regime que consiste em uma aliança de algumas facções pró-imperialistas entre as lideranças dos rebeldes sírios e um setor do antigo regime Assad. Isso garantiria a continuação da ordem do aparato estatal burguês de Assad em que Assad é substituído por alguns políticos mais pró-ocidentais e antirrussos. Em suma, eles querem trazer um regime ao poder em Damasco, que não seja dependente de Moscou e de Pequim, mas de Washington, Berlim, Paris e Londres.

8. No entanto, como tantas coisas em um mundo marcado por contradições de classe, os interesses dos imperialistas ocidentais são marcados por várias contradições. Eles querem ganhar influência entre a liderança dos rebeldes, ao mesmo tempo não estão ajudando sua luta de forma significativa. Eles querem conter a revolução, mas ao mesmo tempo, assegurar que Assad seja substituído por um dos seus homens. Para isso deve-se acrescentar que o golpe militar no Egito em 03 de julho - que por sinal foi caracteristicamente saudado por Assad - foi um grande lance político para o prestígio dos imperialismos dos EUA e da UE (União Europeia na região). Todo o mundo árabe e muçulmano está ciente de que os militares egípcios não teriam se movido sem o consentimento dos EUA. Este foi um grande revés para os EUA e a UE tentarem recuperar alguma popularidade na região depois que já sofreu um revés com a derrubada das ditaduras de seus laçaios de confiança Ben Ali, Hosni Mubarak e Ali Salem. Alguns políticos nos governos ocidentais, certamente nutrem a esperança de

recuperar alguma popularidade entre as massas árabes e muçulmanas se lançarem alguns ataques militares limitados contra o exército assassino Assad “por razões humanitárias”. No entanto, dado os interesses políticos e econômicos em geral, é altamente improvável que as potências imperialistas ocidentais vão lançar uma intervenção militar séria - ou seja, o envio de tropas terrestres substanciais para a ocupação - da Síria, em um futuro previsível. Isso só poderia ser o caso se grandes mudanças ocorrerem no curso da Revolução e contra-revolução síria e árabe. Enquanto isso não acontece, o caráter dominante da guerra civil na Síria continua a ser apenas a luta de libertação das massas populares sírias contra a ditadura de Assad e toda a rivalidade inter-imperialista continua a ser um elemento secundário.

TÁTICAS REVOLUCIONÁRIAS

9. O RCIT e sua seção árabe-judaica em Israel / Palestina Ocupada reafirmam sua postura revolucionária e anti-imperialista. Lutamos pela vitória da revolução síria e ao lado na guerra civil com as forças rebeldes contra Assad, sem dar às lideranças religiosas e seculares burguesa e pequeno-burguesa existentes da oposição qualquer apoio político. Os Revolucionários na Síria devem participar na luta popular dos rebeldes, mas, além disso, avançar uma estratégia de luta socialista independente de poder da classe trabalhadora. Chamamos os trabalhadores internacionais e os movimento de solidariedade para apoiar a revolução síria com dinheiro, remédios, armas e voluntários. Os rebeldes sírios - que estão terrivelmente sem armas modernas - têm todo o direito de obter armas sempre que possível.

10. O RCIT se opõe a qualquer tipo de intervenção imperialista na Síria e no Oriente Médio. É por isso que apoiamos, respectivamente, a resistência do povo iraquiano, afegão e Mali contra as forças de ocupação ocidentais imperialistas. É por isso que nos opomos aos EUA / ao Reino Unido/ e aos ataques militares franceses na Líbia, em 2011, bem como na Sérvia / Kosovo, em 1999, continuando a apoiar as guerras justas de libertação do povo líbio e kosovares contra Kaddafi e respectivamente Milosevic.

11. Portanto, o RCIT chama a resistir a qualquer intervenção militar dos EUA, do imperialismo britânico ou do francês. Se os imperialistas ocidentais, incluindo Israel, ataquem a Síria de Assad, nós chamaremos os rebeldes a lutar em duas frentes: uma contra Assad outro contra o imperialismo. Quantas forças devem ser dedicadas a cada frente vai depender de quem é o mais perigoso dos dois inimigos a qualquer momento.

12. Os trabalhadores russos e os trabalhadores iranianos devem se opor e sabotar qualquer ajuda militar para o regime de Assad. Da mesma forma os trabalhadores do Ocidente devem obstruir os esforços dos governos imperialistas para lançar ataques militares contra a Síria. A classe trabalhadora em todo o Líbano deve pressionar o Hezbollah a parar o seu apoio a Assad. Em caso de

um ataque militar ocidental chamamos manifestações de protesto nas ruas de Nova York, Londres, Paris e outras cidades ocidentais.

13. Nesta situação crucial em que a revolução árabe está ameaçada pelo golpe militar contrarrevolucionário imperialista no Egito e quando é possível uma interferência imperialista que se intensificou na Síria, a tarefa de forjar uma liderança revolucionária na Síria e internacionalmente é mais urgente do que nunca. Isso significa nada menos do que a construção de um partido operário revolucionário, como parte do futuro Partido Mundial da Revolução Socialista (que será a Quinta Internacional, em nossa opinião). Apenas tal partido é capaz de levar os trabalhadores e oprimidos ao poder e para abrir o caminho para o socialismo. Dada a terrível fraqueza das forças revolucionárias na Síria e no mundo, a tarefa mais imediata é a de reunir as autênticas forças revolucionárias em uma organização revolucionária internacional unida. O RCIT está dedicado a esta tarefa!

* Vitória da Revolução Síria! Abaixo a ditadura Assad!

* Pela solidariedade internacional com o movimento sírio rebelde popular!

* Parar o apoio russo e chinês para a ditadura assassina de Assad!

* EUA, Reino Unido e França: Nenhum ataque militar contra a Síria!

* Abaixo o Estado Sionista de Apartheid!

* Solidariedade com a luta pela libertação da Palestina! Apoiar a resistência contra a ditadura militar apoiada pelo imperialismo no Egito!

* Por um governo dos trabalhadores, aliado com os camponeses e pobres urbanos e com base em conselhos e milícias locais!

Secretaria Internacional da RCIT

A revolução árabe é um marco central para os socialistas!

Carta aberta a todas as organizações revolucionárias e ativistas

Emitido pela Tendência Comunista Revolucionária Internacional (RCIT-em Inglês), 4.10.2013

A revolução árabe é a mais nítida expressão política das contradições sociais profundas inerentes ao novo período revolucionário histórico que começou em 2008. As tendências fundamentais inerentes ao capitalismo - decadência e colapso - têm se acelerado. A economia mundial está infectada pela curva de temperatura altamente instável de bolhas financeiras, pelas armadilhas da dívida, das crises de superprodução, cuja causa fundamental é a crise de superacumulação capitalista e a tendência da taxa de lucro em cair. Crises sociais, desemprego em massa e a destruição do meio ambiente estão, consequentemente, se acelerando. Concomitante com estes eventos, estão o fim da hegemonia absoluta do imperialismo dos EUA e o surgimento de novas potências imperialistas - em especial a China -, bem como a crescente rivalidade interna-imperialista. Neste contexto, o sentimento de inquietação e revolta entre os trabalhadores, entre os pobres, assim como a classe média está se espalhando por todo o mundo.

É por causa dessas tendências históricas fundamentais que a RCIT tem insistido desde o início deste período histórico que esta época tem um caráter fundamentalmente revolucionário que incorpora potencialidades enormes para levantes revolucionários, assim como o de perigos contra-revolucionários.

A Revolução Árabe é o primeiro elo enorme que se quebrou na cadeia da ordem imperialista mundial. Uma série de ditaduras burguesas que eram ou subordinados diretos do imperialismo dos EUA (Ben Ali-Tunisia, Mubarak -Egito, Saleh-Iemen) ou do imperialismo russo (Síria) ou que tinham uma posição privilegiada na economia mundial capitalista (o regime de Gaddafi na Líbia) enfrentou revoltas populares espontâneas tendo início em 2011. Alguns deles foram derrubados. Os finais dos outros estão na balança.

A Revolução Árabe continua a ser o ponto central da situação mundial até hoje. Ela enfraqueceu a posição da pequena potência imperialista, Israel, e assim melhorou as condições para a luta de libertação palestina. Esta luta deve ser transformada em uma revolução permanente para esmagar o Estado de Israel e substituí-lo por uma República multinacional e democrática socialista de Trabalhadores Palestinos e dos camponeses.

No entanto, as lutas de libertação heróica dos trabalhadores, camponeses e pobres urbanos está em uma encruzilhada. No Egito, a contra-revolução ganhou uma importante vitória quando o comando do exército sob o general Al-

Sisi organizou um golpe militar em 03 de julho e massacrou milhares de pessoas que protestavam contra a nova ditadura. A revolução síria também está ameaçada pela conspiração das potências imperialistas, os EUA e a Rússia. As grandes potências procuram liquidar a revolução síria como um componente importante da revolução árabe. Seu objetivo é impor uma transição negociada do poder a outro regime reacionário burguês - baseado no mesmo sangrento aparato estatal do partido Baathist (provavelmente sem o clã Assad), além de alguns lacaios cooptados das lideranças rebeldes, e a dissolução dos numerosos comitês populares e o desarmamento das milícias.

Para derrotar esses perigos, as organizações da classe trabalhadora e dos oprimidos de todo o mundo devem se unir para apoiar a Revolução Árabe. No entanto, as condições para a conquista vitoriosa do poder pelos trabalhadores e camponeses devem estar numa correta compreensão das tarefas e dos perigos da revolução e - mais importante - a formação de partidos revolucionários autênticos em âmbito nacional e internacional.

A Revolução Árabe, por ser a atual questão-chave da situação do mundo, é a pedra de toque central para os socialistas. Ou seja, em como se posicionam sobre a Revolução Árabe, de que lado da barricada se situam, quais táticas aplicam -Isto mostra a verdadeira cor de todas as forças que pretendem estar com os interesses da classe trabalhadora. Infelizmente, muitos dos chamados "socialistas" ou juntou-se ao campo da contra-revolução ou preferiram tomar uma posição neutra nestas lutas de classe. E entre os socialistas que se encontram no campo dos trabalhadores e dos oprimidos, muitos se adaptaram de forma oportunista para forças burguesas ou pequeno-burguesas ou se afundaram em confusão e sectarismo.

É de suma importância que os revolucionários tirem as lições corretas a partir das derrotas e vitórias da Revolução Árabe e unam suas forças na base das conclusões programáticas necessárias para promover a sua unidade com as massas em luta. O RCIT apela a todas as organizações revolucionárias e ativistas nos países árabes, assim como em todo o mundo, para estudar as lições da Revolução Árabe, e discutir sobre essas lições conosco, a fim de examinar a possibilidade de juntar as nossas forças e fazer avançar a formação de uma forte organização comunista revolucionária internacional.

Quais são as principais lições da Revolução Árabe?

O RCIT e suas seções têm analisado a Revolução Árabe atentamente desde o seu início, tendo tirado destas análises conclusões programáticas análises, e temos participado, sempre que possível, nas atividades de solidariedade. Nós documentamos isso em inúmeras declarações, estudos e artigos. Queremos elaborar o que consideramos como as lições mais importantes e destacar quais posições políticas constituem os principais obstáculos para o movimento dos trabalhadores a desempenhar um papel progressista na luta de classes.

Um pré-requisito para os socialistas para desempenhar um papel progressista na luta de classes é a capacidade de reconhecer uma revolução.

A Revolução Árabe demonstrou que a maioria dos chamados socialistas - que gostam de falar muito sobre “revoluções” - são incapazes de reconhecer uma quando está realmente ocorrendo. Sustentamos que os acontecimentos no mundo árabe desde o início de 2011 refletem um processo revolucionário. Depois de décadas de ditaduras capitalistas, as massas populares estão se levantando contra seus governantes reacionários e estão lutando pela liberdade, pão e justiça. Eles já derrubaram vários ditadores (Tunísia, Egito, Líbia e Iêmen), ou ainda estão tentando conseguir isso (Síria, Bahrein, Sudão). Assim, a revolução árabe está na fase de uma revolução democrática inacabada. Ela vai inevitavelmente ser derrotada se a classe trabalhadora não construir uma direção revolucionária a tempo, completando assim a revolução democrática, transformando-a em uma revolução socialista, e estabelecer a ditadura do proletariado.

Aqueles que negam o caráter profundamente revolucionário deste processo por causa das lideranças atrasadas das massas ou por causa da insuficiente consciência política das massas, apenas demonstram que eles não entendem nem de revoluções, nem de história. As Revoluções na história, geralmente se iniciaram com lideranças fracas, atrasadas e com insuficiente consciência das massas (por exemplo, Revolução Francesa 1789, Revoluções Europeias de 1848, Rússia 1905 e 1917, China 1925-1927 e 1949, Espanha 1931-1939, Argélia 1954-1962, Irã e Nicarágua 1979). Muitas vezes - devido à falta de uma liderança revolucionária - as massas eram incapazes de superar essas debilidades e as revoluções foram esmagadas. Isso, no entanto, não muda o caráter desses eventos históricos como sendo revoluções. Para desenvolver um programa e lutar pelas táticas corretas, os revolucionários têm que primeiro reconhecer o caráter, o potencial e as tarefas correspondentes da Revolução Árabe.

Um pré-requisito para os socialistas desempenharem um papel progressista na luta de classes é a capacidade de distinguir entre as revoluções e as contra-revoluções

Um abstrato louvar ao “marxismo” não tem significado se não corresponder a um programa correto, examinado à luz de ambos os precedentes históricos e a experiência real da luta de classes. Trata-se, portanto, de não estranhar que grandes segmentos dos stalinistas, bem como de pseudo-trotskistas e maoístas / Hoxahist centristas apoiam a ditadura reacionária de Assad da Síria na guerra civil contra as massas em revolta – ou por elogiar abertamente o regime (como tem feito tanto o CP (Partido Comunista) sírio, bem como o sionista CP em Israel, o KKE grego(stalinista), assim como muitos outros CPs, DHKP / C e outros grupos maoístas / Hoxaist na Turquia, a WWP e PSL, nos EUA, etc) ou, dando-lhe “apoio crítico (ou não tão crítico) (por exemplo, Ação Socialista, RCG, Luta

Socialista na Grã-Bretanha).

Eles justificam o seu apoio à contra-revolução , afirmando que os rebeldes sírios são “terroristas da Al- Qaeda patrocinados pela CIA.” Eles fazem tais afirmações , porque fecharam os olhos para a realidade e pararam de pensar . Na verdade, esses apoiadores do regime estão a apoiar o campo que recebe efetivamente a preponderância de apoio imperialista - ou seja, o regime de Assad é fortemente apoiado por dinheiro e armas fornecidas pelo imperialismo russo (e chinês). Estes apoiantes de Assad elogiam o terror do regime contra o povo e os rebeldes , apesar do fato de que estes últimos dificilmente estejam obtendo qualquer ajuda militar do Ocidente. Com sua cegueira à realidade, eles caluniam a revolução síria porque ignoram o concreto desenvolvimento histórico de uma revolta pacífica de massa que se transformou - depois de várias mortes causadas por açougueiros de Assad - em uma rebelião popular armada. Eles conseguem espalhar tal absurdo , porque eles fantasiam que a guerra mundial que o imperialismo dos EUA faz contra os rebeldes islâmicos - no Afeganistão, no Iêmen , na Somália , no Paquistão e na Síria (Jabhat al- Nusra) - é simplesmente uma conspiração misteriosa , e que os rebeldes islamitas são na verdade agentes da CIA . Eles deliram que os rebeldes são “ferramentas do imperialismo dos EUA”, apesar do fato de que a maioria dos rebeldes denunciaram publicamente a liderança pró-EUA do SNC / FSA . Em suma , eles substituem o materialismo dialético com teoria idealista conspiratória.

Da mesma forma, uma série de partidos ditos “marxistas” saudaram o golpe militar de 03 de julho dos comandantes Mubarakistas do exército como “a segunda revolução” ou um “avanço da revolução” (esta, por exemplo, é a posição da CP do Egito, bem como de Israel, o ex-stalinista-social democratizado Partido Europeu de Esquerda, os Revolucionários Socialistas do Egito e seu grupo irmão britânico SWP, assim como os outros grupos Clifitistas como a ISO (EUA) ou o IS- na Grã-Bretanha , o IMT de Alan Woods, o morenista LIT-CI, o LCC). Algumas destas organizações “marxistas” pró-golpe, (por exemplo, vários partidos comunistas e do IMT), até mesmo apoiaram os assassinatos em massa por parte do exército de apoiantes da Irmandade Muçulmana que ocuparam as praças, e denunciaram os islâmico como “fascistas”, “terroristas” ou “contra-revolucionários vendidos”.

Os partidos europeus de esquerda apelam ao poder imperialista EUA, UE e Rússia a organizar “Genebra-2”, negociações entre o regime de Assad e os rebeldes, a fim de desarmar os rebeldes e impor a transferência de poder para outro regime burguês .

Outras forças de esquerda tomam uma posição neutra do “terceiro campo” nas lutas contra a ditadura burguesa no Egito e na Síria. Fazendo isso, eles se recusam a diferenciar o campo progressivo do campo reacionário , o campo da luta popular pela democracia do campo da ditadura da classe dominante reacionária . Tal incapacidade de reconhecer qual do campo em cuja vitória melhora as chances de um avanço da revolução e qual campo cuja vitória significa

o esmagamento físico da revolução - tal incapacidade não é senão uma traição à classe trabalhadora e camponesa em luta. Exemplos para essa tão covarde posição "Terceiro Campista" na Síria são os CIPOML Hoxahist (que inclui o PCOT / PT na Tunísia), IMT de Alan Woods', o CWI ou o COREP. A maioria deles, assim como os grupos Cliffitistas, também adotam - após os massacres sangrentos do Comando do Exército diminuíram seu entusiasmo inicial para o golpe militar - um similar "terceiro campo" com relação ao Egito hoje.

Em defesa de uma recusa tão vergonhosa em apoiar a luta democrática contra as ditaduras reacionárias da Al- Assad e Sisi, respectivamente, estes grupos geralmente apontam para o caráter burguês e reacionário das principais forças dessas lutas (por exemplo, a Irmandade Muçulmana, o Jabhat al- Nusra, os burgueses liberais pró-ocidentais). Apesar de uma rica história de luta de classes, as lideranças desses grupos ainda não conseguiram entender que os marxistas não julgam o caráter de uma revolução, principalmente, pela política de sua liderança, mas pelo seu caráter social, pelo objetivo, pelas forças de classe envolvidas, e, conseqüentemente, o potencial da revolução. É por isso que Marx e Engels defenderam as lutas com influência profundamente religiosa dos povos irlandês e polonês contra os seus opressores coloniais; Eis porque Lenin e os bolcheviques defenderam o imperialista regime "democrático" de Kerensky contra o golpe de Estado do general Kornilov em 1917; por isso que a Internacional Comunista defendeu numerosas lutas de libertação nacional, apesar de sua liderança islâmica ou tribais, bem como, por exemplo, chamou estar a lado com o regime burguês de Stambuliski na Bulgária contra o golpe de Estado em 1923, ou porque Trotsky chamou revolucionários a apoiar criticamente a "democracia burguesa decadente" da Frente Popular anti-operária em Espanha contra o General Franco, em 1936-1939.

Todos estes apoiantes supostamente marxistas de Assad e da junta militar contra-revolucionária egípcia não conseguem entender que a luta política necessária contra as lideranças seculares e religiosos pequeno-burgueses e burgueses só pode ser bem sucedida se os revolucionários se juntarem ao campo de luta de massas revolucionária e da guerra civil. Devem provar a si mesmo serem os principais lutadores contra a ditadura reacionária e criticar as existentes lideranças em sua incapacidade de implantar uma estratégia de sucesso para a vitória. Só juntando-se o campo da revolução e lutando dentro dele contra as direções equivocadas, podem revolucionários ganhar a confiança das massas e ganhá-los para um programa alternativo, um programa socialista para o poder operário.

Lutar contra o imperialismo consistentemente ou apoiar a contra-revolução em nome do "anti-imperialismo"?

Aqueles que estão lado com a ditadura Assad se justificam referindo-se a apoio do imperialismo dos Estados Unidos aos rebeldes sírios. Mas permanecem em

completo silêncio - e eles devem agir assim devido à falta de argumentos - sobre o apoio militar maciça dado à Assad pelo imperialismo russo. Além disso, eles fecham os olhos para o fato de que, até agora, o imperialismo ocidental tem largamente somente apoiado os rebeldes retoricamente. Como resultado, os rebeldes quase não têm qualquer armamento moderno. Estes apoiantes “marxistas” de Assad simplesmente ignoram o fato de que as potências imperialistas ocidentais e orientais estão simplesmente competindo por influência na Síria e em toda a região e, ao mesmo tempo em que ambos os campos imperialistas têm um interesse primordial na contenção de liquidar a Revolução Árabe. (note como todas as potências imperialistas apoiaram o golpe no Egito !)

Ao fazermos duas analogias históricas, com base nos mesmos critérios que eles usam para apoiar Assad, como “marxistas” eles teriam que abandonar o seu apoio à Espanha republicana em 1936-39 contra o fascismo de Franco ou aos nacionalistas chineses contra o Japão 1939-1945, apenas porque os imperialistas ocidentais deram suporte limitado para as forças progressistas nesses conflitos. Tais “marxistas” são, obviamente, incapazes de lidar com tantas contradições na política da vida real, por isso eles deixam de lado o pensamento dialético e o substituem com uma visão em preto e branco simples do mundo, pior ainda, eles não podem sequer distinguir entre o preto e o branco.

O RCIT considera dever de todos os socialistas se opor a qualquer ataque militar dos imperialismos dos EUA e da UE contra a Síria. No caso de um ataque tão militar, nós chamamos para a derrota dos agressores imperialistas. Defendemos que os trabalhadores boicotem qualquer apoio material - principalmente da Rússia e do Irã - para a ditadura de Assad. Apelamos para a construção de um movimento de solidariedade internacional com manifestações de apoio e fornecendo assistência material - remédios, roupas, armas, etc - para a revolução síria, cujo sucesso é fundamental para despedaçar a ordem imperialista no Oriente Médio. Esta é a única possível linha de autêntico anti-imperialismo !

Para as massas romperem com as lideranças (pequeno) burguesas, a aplicação da tática da Frente Única e da crítica das direções são ferramentas indispensáveis para os revolucionários. Da mesma forma os socialistas devem rejeitar a política reformista da Frente Popular com os partidos (pequeno) burgueses .

Para fazer avançar a revolução democrática, as massas devem construir seus órgãos independentes de luta - comitês populares, milícias armadas sob controle dos operários e camponeses, etc. Esta é a melhor maneira de formar uma liderança dentro de suas próprias fileiras e para lançar as bases para um futuro rompimento com suas lideranças atuais - sejam elas islamitas burguesas ou pequeno-burguesas ou liberais pró-imperialistas. A tarefa de um partido revolucionário é o de ajudar as massas na formação de tais órgãos independentes de luta, e para promover a sua ruptura com as direções traidoras .

No entanto, essa estratégia não pode ser implementada simplesmente chamando as massas para romper com os islamitas, liberais, etc. Os revolucionários devem começar se juntando às lutas das massas como elas acontecem hoje, apesar da atual consciência atrasada das massas, e independentemente das lideranças não-revolucionárias que agora seguem. Os revolucionários devem defender as massas contra seus inimigos diretos – tais como os sangrentos regimes de Assad ou Al- Sisi - não só de forma abstrata, mas de forma concreta em defender e unir as lutas, mesmo que ocorram sob a liderança burguesa ou pequeno-burguês. Em suma, os revolucionários têm de aplicar a tática da Frente Única. Isto significa chamar as organizações dos trabalhadores e oprimidos - mesmo que sejam reformistas, islâmicas, ou liberais - para ações conjuntas, coordenação prática, comitês populares, etc, sem lhes dar qualquer apoio político. Claro, os revolucionários devem limitar tal Frente Única somente à luta prática contra a ditadura reacionária e para a defesa dos direitos democráticos.

O objetivo central da adoção desta tática da Frente Única é lutar ombro a ombro com os trabalhadores que, por agora ainda seguem as lideranças não-revolucionárias. Para esta finalidade, os revolucionários devem encaminhar a proposta de formar uma frente unida em especial não só para as bases dos partidos e organizações não-revolucionárias, mas também para a sua liderança oficial. No entanto, a luta comum nunca deve levar revolucionários a abdicar da crítica necessária da política insuficiente das direções burguesas e pequeno-burguesas, e em particular deve criticá-los duramente quando eles traem a luta.

No entanto, é precisamente essa combinação de uma política concreta de frente unida e a crítica necessária das lideranças não-revolucionárias, o que está faltando entre a maioria dos chamados marxistas. No Egito, muitos condenaram o massacre sangrento do comando do exército sobre milhares de manifestantes em 14 de agosto e também após. Mas eles teimosamente se recusam a chamar a única consequência possível - defender e, se possível, juntar-se às ocupações em Rabaa Al- Adawiya e na praça al- Nahda e às marchas de protesto no Egito contra a ditadura, mesmo quando essas manifestações são guiadas pelo Irmandade Muçulmana, a maior organização de massa no país. Da mesma forma, os revolucionários devem estar ao lado com a revolução síria não em abstrato, mas com a sua expressão mais concreta - as numerosas milícias rebeldes - que estão lutando contra o exército assassino de Assad, os quais são esmagadoramente liderada por forças (pequeno-) burgueses seculares ou religiosas.

Em vez disso vários “marxistas” prosseguem com uma política de Frente Popular, ou seja, alianças políticas (com pequeno-) forças burguesas. Por exemplo, o grupo do Egito Socialistas Revolucionários - elogiado por todos os grupos no Clifite chamaram a votar em Morsi em 2012 e, depois, eles apoiaram a burguesa Frente de Salvação Nacional no final de 2012 e, depois, eles elogiaram o golpe militar em 03 de julho, e agora eles formaram outra frente popular (chamada “Frente Path Revolution”), com o Movimento 6 abril pequeno-burguês (que saudou o golpe de 03 de julho também) e o burguês Partido Forte

Egito do ex-líder da Irmandade Muçulmana e candidato presidencial, Abdel Moneim Aboul Fotouh . Assim, com efeito , os socialistas revolucionários continuamente estão com os olhos vendados e confusamente constituem hoje uma pequena Frente Popular em vez de defender em ações práticas as manifestações de massa - liderada pela Irmandade Muçulmana - contra a ditadura militar .

Entre os que corretamente apoiam os rebeldes sírios contra o exército de Assad, muitos infelizmente não combinam esse apoio com a denúncia necessária das lideranças (pequeno) burguesas . Para ser mais preciso, enquanto despreocupadamente condenam os rebeldes islâmicos, abdicam de atacar a pró-ocidental liderança burguesa do SNC e FSA . (Veja , por exemplo, a declaração conjunta de 30 de agosto de 2013 dos britânicos grupos Resistência Socialista (seção ao mandelista “Quarta Internacional”), grupo IS -Network , grupo Iniciativa Anti-Capitalista e grupo Poder dos Trabalhadores / Liga para a Quinta Internacional) .

Autênticos revolucionários devem combinar o apoio para a luta de libertação dos operários e camponeses - apesar de suas lideranças não revolucionárias - com a crítica necessária contra essas forças. Este é o único caminho para promover a perspectiva socialista de independência de classe.

Para Concluir a Revolução Democrática, a Classe Trabalhadora - em aliança com os camponeses e os pobres urbanos - deve tomar o poder e construir a Ditadura do Proletariado

A Revolução Árabe está atualmente na fase de uma revolução democrática inacabada. (Como tal, há algumas semelhanças com a Revolução espanhola 1931-1939) Isto significa que, na situação atual, a luta contra as ditaduras, contra o poderoso aparato repressivo, contra a supressão dos direitos democráticos, contra a ingerência imperialista e de dependência, para uma nova Constituição, contra a pobreza, etc. está em primeiro plano. Igualmente, sem exceção, as massas estão sendo conduzidas por forças pró-capitalistas burguesas ou pequeno-burguesas.

Mas para ganhar , ou seja, a fim de garantir uma solução democrática consistente, como Trotsky escreveu , a “revolução democrática deve evoluir ao longo diretamente para a revolução socialista e, assim, tornar-se uma Revolução Permanente” Isso significa que a revolução democrática só pode ter sucesso se derrubar a classe dominante capitalista e romper com todas as potências imperialistas (do ocidental e do oriente) . Em outras palavras , a classe trabalhadora - em aliança com os camponeses e os pobres urbanos - deve tomar o poder , quebrar a máquina estatal capitalista , e estabelecer a ditadura do proletariado . A contra-revolução (golpe militar) de 03 de julho no Egito é uma poderosa constatação desta verdade fundamental do marxismo : Se a classe trabalhadora não destruir o aparelho de Estado capitalista, com o tempo, a classe trabalhadora será esmagada por este Leviatã. Claro, nós não confundimos a ditadura militar

com o fascismo , e estamos plenamente conscientes de que a luta de classes continua. Mais cedo ou mais tarde, os trabalhadores e os pobres vão recuperar a sua força combativa . No entanto, o bem sucedido golpe de Estado do general Al- Sisi foi um revés importante contra a Revolução no Egito.

O RCIT renega qualquer programa que sugira que a luta pela democracia possa ser vencida em uma fase separada, sem a concomitante conquista do poder pela classe trabalhadora. Tal confusão reformista só pode resultar em uma política oculta ou aberta de Frente Popular, ou seja, a subordinação reacionária da classe trabalhadora perante a burguesia. (Veja, por exemplo, o respectivo apoio reacionário dos stalinistas do Egito e da Síria para o general Al-Sisi e a ditadura de Assad em nome da “democracia”, ou as coligações de Frente Popular do Hoxahist PCOT / PT na Tunísia, ou dos Cliffitistas do RS-Egito.) na verdade, quem quer lutar pela democracia sem vincular essa luta à tomada de poder da classe trabalhadora pode facilmente desviar e se aliar com o campo anti-democrático e pró-imperialista.

Outro desvio grave é renunciar sectariamente à revolução democrática, substituindo - em vez de combinar - o programa da revolução democrática com o programa da revolução socialista. Argumentos como “não levantar demandas democráticas, como a Assembleia Constituinte, porque é utópico acreditar que pode ser implementada sem o governo dos trabalhadores” (WIVP África do Sul) ou “as massas já superaram suas ilusões democrático-burguesas” (LCC) tanto traem a ignorância da parte democrática do Programa de Transição de um economista ou simplesmente se divorciam da realidade. Enquanto as massas provarem com suas ações que eles desejam a democracia e estiverem longe de uma consciência socialista, autênticos revolucionários devem defender ativamente o programa democrático (como a liberdade de reunião, de imprensa, Assembleia Constituinte Revolucionária, etc) e combiná-lo com o perspectiva de um governo de trabalhadores e camponeses.

Entendendo a Rivalidade inter-imperialista entre as grandes potências EUA, UE, Rússia e China é a chave para compreender a atual situação mundial

O RCIT tem explicado nos últimos anos que a evolução da China como uma nova potência imperialista é um fator importante na compreensão do declínio acelerado de os EUA e a crescente rivalidade e conflitos na política mundial. A crescente influência das potências imperialistas do Oriente, China e Rússia, desempenham um papel importante na definição das condições políticas e econômicas, não só na África, Ásia Central e América Latina, mas também no Oriente Médio. A ditadura de Assad deixaria de existir se não recebesse grande apoio econômico e militar da Rússia (e em certo grau da China).

No entanto, dificilmente qualquer um dos grupos socialistas é capaz de re-

conhecer o caráter imperialista da China. A maioria dos stalinistas, assim como grupos como Ação Socialista (Grã-Bretanha) ou a família Espartaquista (ICL, IBT, IG), consideram a China como um país “socialista” ou como um “Estado operário degenerado.” Outros, como o FLTI, insistem que a China é uma “semi-colônia”, sob o comando de Obama. Tal incompreensão do caráter de classe do imperialismo chinês faz com que estes grupos sejam incapazes de compreender reviravoltas importantes na política mundial, como o recente recuo de Obama sobre a Síria. Da mesma forma, oferece uma justificativa absurda para em favor de Assad não só em se opor a uma guerra dos EUA na Síria - o que é, naturalmente, o dever de todos os socialistas -, mas também saudar o apoio imperialista da Rússia (com o apoio da China) em apoiar o regime de Assad .

ORCIT está convencido de que a rivalidade inter-imperialista - em particular entre os EUA e a China - vai aumentar substancialmente nos próximos anos. É de importância decisiva que o movimento dos trabalhadores não subordinem a qualquer um dos campos imperialistas, mas seguir uma linha internacionalista proletária. Caso contrário, corre para o perigo de se adaptar para o social-imperialismo.

No período que se aproxima, Construir uma forte organização internacional bolchevique é a chave

A revolução árabe está em uma encruzilhada. A contra-revolução levantou a cabeça e marcou uma importante vitória no Egito. As grandes potências imperialistas estão conspirando para salvar o aparelho de estado reacionário do partido Baath na Síria (provavelmente sem Assad), de modo que eles possam desarmar e esmagar as massas revolucionárias.

O principal desafio agora é aprender com as lições das vitórias e derrotas da Revolução Árabe e unir os revolucionários autênticos em um programa correspondente às tarefas do presente período. Pode-se objetar que os revolucionários de hoje são fracos e não podem influenciar decisivamente o destino da Revolução Árabe. Na verdade, nós os revolucionários estamos fracos e, além disso, a política de traição de muitos dos chamados “marxistas” - na verdade renegados de esquerda reformista e centrista - desacreditam o marxismo autêntico aos olhos das massas. Mas, como bolchevique -comunistas, não tiramos a conclusão cínica de que os revolucionários devem limitar-se a apenas comentar sobre a luta de classes. Passividade e desmoralização nunca vai fazer avançar a construção de um partido revolucionário. Pelo contrário, a tarefa é oferecer para a vanguarda dos trabalhadores e oprimidos uma análise da relação de forças e uma perspectiva para a luta, assim como participar e apoiar a vanguarda, a fim de melhorar as condições para superar a crise de liderança.

Claro que, isto não é nem a curto prazo nem é uma tarefa fácil. Mas os revolucionários devem planejar com visão de longo prazo. Como explicamos em documentos anteriores, o presente período revolucionário histórico não será

curto, mas sim um longo período marcado por acentuada fluxos e refluxos da luta de classes. haverá algumas vitórias, mas - pela falta de liderança revolucionária - haverá principalmente derrotas e semi-vitórias temporárias. Mas é uma lei conhecida da luta revolucionária que o caminho para a vitória é pavimentado com derrotas que, no entanto, são a base para a experiência necessária para a classe operária e sua vanguarda se unirem e começar de novo em uma base política maior.

Essas lutas e essas experiências dos trabalhadores de vanguarda e das massas são o fermento com que os bolcheviques-comunistas vão construir o partido revolucionário, bem como a Partido Mundial da Revolução Socialista (que, em nossa opinião, será a Quinta Internacional). Esta é a tarefa pelo qual o RCIT está lutando. Chamamos todos os lutadores para a solidariedade com a Revolução Árabe e da luta de libertação mundial da classe trabalhadora e dos oprimidos para unir forças na luta para a construção de novos partidos revolucionários e de uma nova quinta Internacional dos Trabalhadores.

Não há futuro sem socialismo!

Não há Socialismo sem revolução!

Não há revolução sem um partido revolucionário!

Para uma visão mais ampla da análise e da conclusão programática da revolução árabe feita pelo RCIT, bem como dos nossos documentos sobre a situação mundial, sobre o islamismo e as estratégias para a luta de libertação, àqueles que estão interessados vejam em nosso site: www.thecommunists.net/ e www.thecommunists.net/theory (em Inglês).



